

UCRÂNIA: QUANDO COMEÇAM A FALTAR HOMENS

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Na guerra de desgaste, drones, mísseis e inteligência artificial não substituem o fator decisivo: pessoas. A experiência, a demografia e a capacidade de reposição podem determinar não apenas o resultado do conflito na Ucrânia, mas o futuro da nação.

Durante quatro anos e meio, falamos de drones, mísseis e todo tipo de “artefatos militares”; também acompanhamos avanços e recuos nos mapas. Pacotes de ajuda ocidental, sanções econômicas e novas tecnologias. Mas, por trás dessa extraordinária transformação da guerra, começa a reaparecer uma realidade tão antiga quanto a própria guerra: os homens.

E os homens não são infinitos.

John Mearsheimer acaba de colocar novamente essa questão no centro do debate. O professor da Universidade de Chicago retornou recentemente da Rússia e, em 17 de setembro, manteve uma longa conversa com Glenn Diesen. Três dias depois, ele publicou [*What Is An 'Ugly Victory'?*](#) (O que é uma “vitória feia?”), onde aprofundou algumas daquelas ideias. Seu diagnóstico é particularmente duro: o problema ucraniano já não deveria ser analisado apenas em termos de territórios conquistados ou perdidos, mas

sim a partir da própria capacidade da nação de sobreviver ao desgaste acumulado de uma guerra prolongada.

Vale a pena fazer uma pausa aqui, pois Mearsheimer não está falando simplesmente do Donbass. Durante boa parte da guerra, o debate no Ocidente concentrou-se em quanto território a Rússia poderia conquistar e quanto a Ucrânia poderia recuperar. O conflito parecia poder ser medido em um mapa. Mas uma nação não é apenas território. É população, economia, infraestrutura, capacidade industrial, instituições, famílias, nascimentos e homens capazes de defendê-la.

Mearsheimer introduz precisamente essa dimensão. Ele o faz apoiando-se, entre outros elementos, em uma análise recente de Iuliia Mendel, primeira-secretária de imprensa do presidente Volodymyr Zelensky, que apresenta um panorama extremamente sombrio sobre a situação demográfica e social da Ucrânia. Mearsheimer retoma essa abordagem e considera que prolongar indefinidamente uma guerra com essas características pode comprometer o próprio futuro do país. Trata-se de sua interpretação e, como tal deve ser considerada, mas as questões que ele levanta merecem atenção.

A Ucrânia já havia chegado a 2022 com um grave problema demográfico. A guerra trouxe mortos, feridos, deslocados, refugiados, emigração e uma queda adicional na taxa de natalidade. Uma parte significativa daqueles que deixaram o país é composta por mulheres e crianças. Ninguém sabe hoje quantos retornarão quando as hostilidades terminarem. Esse é o verdadeiro significado estratégico da demografia: uma ponte pode ser reconstruída, uma usina elétrica pode ser reparada, um sistema de armas pode voltar a ser fabricado. Uma geração perdida é muito mais difícil de substituir.

Essa não é uma preocupação nova para quem acompanha esta guerra desde o início. Em 7 de fevereiro de 2024, nestas mesmas páginas do *Velho General*, escrevemos em [Guerra na Ucrânia: a Questão Demográfica](#): “E o fator determinante são os escassos recursos humanos.” Alertávamos, na época, que pouco se falava sobre o fator demográfico e ressaltávamos que a “*composição da população, sua estrutura e sua dinâmica estão fortemente interligadas aos recursos humanos disponíveis para a defesa de uma nação.*” Dois anos e meio depois, essas palavras ganham um significado muito mais inquietante.

É nesse contexto que se deve ler uma declaração recente do primeiro-ministro polonês, Donald Tusk. Ela não vem de Moscou nem de um veículo de imprensa russo. Vem do chefe de governo da Polônia, um dos países europeus mais empenhados em sustentar a Ucrânia. Em 17 de setembro, diante do Parlamento polonês, Tusk afirmou que seus interlocutores ucranianos haviam relatado cerca de 27.000 militares mortos e feridos por mês, um número que ele apresentou como excepcionalmente elevado.

Convém manter a prudência. As baixas estão entre os dados mais difíceis de verificar de forma independente em qualquer guerra e, nesta em particular, os números fazem parte da batalha de informações. No entanto, justamente por quem transmite essa estimativa e pela fonte a quem ela é atribuída, ela não deve ser ignorada.

Vinte e sete mil mortos e feridos por mês, caso esse ritmo recente se mantivesse, representariam 324.000 baixas em apenas um ano. Não seria correto projetar retrospectivamente esse número sobre os quatro anos e meio de guerra; Tusk refere-se a um nível recente de perdas. Também não se deve confundir mortos com feridos, nem baixas temporárias com perdas definitivas. Ainda assim, a situação é grave e o problema persiste.

GUERRA DE ATRITO

Em uma guerra de atrito, a pergunta decisiva deixa de ser apenas quanto território um exército consegue conservar. Passa a ser quantos homens ele consegue perder, recuperar, substituir e treinar sem comprometer sua própria estrutura. Surge, então, um conceito que raramente aparece nos mapas militares: a taxa de reposição.

Se as baixas se aproximam ou superam de forma sustentada a capacidade de recrutar, treinar e enviar para o front novos homens, o problema deixa de ser puramente tático. Cada substituto chega, inicialmente, com menos experiência do que o homem que substitui. Cada veterano perdido leva consigo anos de aprendizado. Cada oficial ou suboficial experiente que desaparece obriga a acelerar a formação de quem ocupará o seu lugar.

Porque a guerra não consome apenas homens. Consome experiência.

Uma brigada pode receber novos drones em poucas semanas. Formar um bom suboficial leva anos. Um veículo destruído pode ser substituído por meio de um pacote de ajuda externa. Um chefe de seção morto após três anos de combate não chega dentro de um pacote de ajuda militar.

PARADOXOS

Este é, talvez, um dos grandes paradoxos da guerra na Ucrânia. Provavelmente nunca houve um conflito convencional em que a inovação tecnológica avançasse a tal velocidade. A Ucrânia e a Rússia demonstraram uma capacidade extraordinária de incorporar drones, comunicações via satélite, *software*, inteligência artificial e novos procedimentos. Cada inovação provoca uma contramedida, e cada contramedida exige uma nova inovação.

No entanto, quanto mais tecnológica se torna a guerra, mais claramente reaparece a importância do fator humano. Um drone pode substituir certas missões. Não substitui uma nação. A inteligência artificial pode contribuir para identificar um alvo, mas não ocupa uma posição. Um satélite pode observar centenas de quilômetros quadrados, mas não substitui uma companhia exausta após semanas de combate. As comunicações via satélite podem manter uma unidade conectada em condições que, até pouco tempo atrás, pareciam impossíveis, mas alguém precisa permanecer em campo.

A tecnologia multiplica a capacidade humana. Não a elimina.

Mearsheimer amplia o panorama sob outra perspectiva. Após sua recente viagem à Rússia, afirma não ter encontrado os sinais de colapso econômico que, durante anos, fizeram parte de certas expectativas ocidentais. Ele próprio reconhece implicitamente as limitações de uma observação realizada principalmente em Moscou e São Petersburgo. Uma visita não permite diagnosticar a totalidade de um país de tais dimensões. Mas a sua avaliação é relevante porque coloca novamente em pauta o problema fundamental de toda guerra de desgaste: a capacidade comparativa dos contendores de suportá-la.

A pergunta, então, deixa de ser apenas quem pode golpear com mais força. Passa a ser quem pode suportar o desgaste por mais tempo. É aí que entram a demografia, a indústria, a energia, a produção de munições, o financiamento, a capacidade de mobilização, a reposição de perdas e, finalmente, a vontade política.

Clausewitz reaparece inevitavelmente. A guerra continua sendo um choque de vontades. Sua maravilhosa trindade – povo, exército e governo – permanece vigente, embora hoje esteja atravessada por satélites, algoritmos, drones e redes digitais. Por trás da arma, continua existindo uma sociedade que deve fabricá-la; por trás do soldado, uma família; por trás do exército, uma economia; por trás da decisão política de continuar a guerra, uma nação que deve suportar suas consequências.

E aqui a Ucrânia começa também a falar com os argentinos.

Devido às grandes carências e crises pós-1982, durante muito tempo se pensou a Defesa em termos orçamentários e de aquisição de sistemas: quantos aviões, quantos navios, quantos blindados. Tudo isso importa. Sem meios, não existe Defesa. Mas esta guerra demonstra que existe um capital estratégico muito mais difícil de adquirir: o capital humano.

Uma nação que pretenda defender um território enorme, uma extensa costa marítima, a Patagônia, seus recursos naturais, o Atlântico Sul, seus interesses na Antártida e sustentar sua reivindicação de soberania sobre as Malvinas, precisa de radares, satélites,

aviões, navios, drones, comunicações e inteligência artificial. Mas, antes, precisa de homens e mulheres.

Precisa de oficiais, suboficiais, soldados, marinheiros e aviadores. Precisa de engenheiros, técnicos, cientistas e especialistas. É preciso capacitá-los, retê-los e garantir que a experiência adquirida seja transmitida de uma geração para a seguinte. E é preciso compreender que a Defesa Nacional não começa quando uma guerra estoura. Nesse momento, muitas das capacidades fundamentais já deveriam existir.

Se uma nação perde, ao longo de décadas, sua cultura de Defesa, seus quadros experientes, seus especialistas e seu capital humano, reconstruí-los pode levar uma geração. Essa talvez seja uma das lições mais duras que chegam hoje da Ucrânia.

Durante anos, observamos fascinados a revolução dos drones, o surgimento da inteligência artificial, os sistemas autônomos, as redes de sensores e a crescente transparência do campo de batalha. Tudo isso está transformando a guerra, e seria absurdo ignorá-lo. Mas talvez estivéssemos olhando apenas para metade do problema. A outra metade continua sendo o ser humano. Suas virtudes, seus valores patrióticos e sua nobreza de espírito. Não são máquinas; são alma e matéria.

E enquanto o mundo discute algoritmos, enxames de drones e armas autônomas, a velha aritmética da guerra continua formulando perguntas muito mais incômodas: quantos homens uma nação possui, quantos pode perder, quantos pode substituir, quanto tempo leva para formá-los e por quanto tempo pode continuar fazendo isso. Quando essa equação deixa de fechar, não está mais em jogo apenas uma batalha ou uma linha no mapa. Pode começar a estar em jogo o próprio futuro de uma nação.

TAMBORES DE GUERRA NA EUROPA

Antes de encerrar este artigo, um alerta. Na Europa, começam a se acumular sinais que obrigam a observar outra dimensão desta guerra: o risco de que o desgaste acabe resultando, deliberadamente ou por erro, em uma escalada difícil de controlar.

Nos últimos dias, a Polônia voltou a adotar medidas preventivas diante de incidentes e ataques próximos às suas fronteiras, enquanto a OTAN intensifica sua atenção sobre as chamadas ameaças híbridas.

Nada disso demonstra que a Europa esteja às portas de uma guerra generalizada. Existem provas suficientes para afirmar que está em curso uma operação de “bandeira falsa”? Não sabemos, mas o espaço entre a guerra russo-ucraniana e o território da OTAN parece cada vez mais sensível. Um drone que cruza uma fronteira, um míssil desviado, uma incursão aérea, uma sabotagem, uma provocação ou simplesmente um erro de

identificação podem acarretar consequências muito maiores do que o evento que os originou.

Essa é também a “Névoa da Guerra 2.0”: não apenas ocultar o que acontece, mas dificultar a distinção entre acidente, provocação e agressão deliberada.

Uma guerra de desgaste pode terminar por exaustão. Mas também pode se transformar em algo muito pior devido a provocações, escalada ou erro de cálculo. E, hoje, a Europa tem motivos suficientes para estar atenta a esses três fatores.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é Coronel Mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
